

Jubileu 2025

Uma leitura do Formulário da Missa para o Ano Santo (B)

Pe. Adriano Davi Curvêlo de Souza¹

O Papa Francisco, na Bula *Spes non Confundit*, convocou toda a Igreja para celebrar um Ano Jubilar nos 2025 anos da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, colocando-nos sob o signo da Esperança que não decepciona, atribuindo um lema para esse ano jubilar: “Peregrinos de Esperança”. Em outras palavras “chegou o momento de um novo Jubileu, em que se abre de novo, completamente, a Porta Santa para oferecer a experiência viva do amor de Deus, que desperta no coração a esperança segura da salvação em Cristo”².

O Jubileu em si já é um sinal concreto de um momento de graça particular que nos é oferecido pela Igreja. Assim, tomamos a consciência de que, a vida cristã, toda ela, é marcada pelo signo da Esperança. Revigorados pela experiência de conversão, proposta pelo Jubileu, somos chamados a voltar sempre ao ritmo cotidiano de nossas vidas e, como discípulos, conservar a alegria do encontro com Ele e manter, sem vacilar, a confissão de nossa Esperança que não decepciona³. O convite do Papa, para este Jubileu, é precisamente este: “Deixemo-nos surpreender por Deus”, pela sua misericórdia e bondade. “Ele nunca se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar conosco a sua vida”⁴.

O presente texto deseja fazer uma leitura mais atenta ao Formulário da Missa B para o Ano Santo proposto pelos Textos Litúrgicos para esse ano Jubilar⁵. Partiremos do pressuposto da dimensão salvífica das nossas ações litúrgicas e da celebração como essencial à nossa profissão de fé e a partir disso, vamos lendo cada texto buscando analisá-los no contexto deste ano jubilar.

1. Liturgia e fé

Ao analisar um formulário litúrgico, devemos nos perguntar, por primeiro, acerca da funcionalidade daquela forma ritual. O que realmente pedimos? Qual o seu objetivo? Quais as consequências dessa súplica na vida eclesial? Ou estes, seriam apenas estéticos ou facultativos? Qual a função de um rito estabelecido pela Igreja em uma celebração?

A *Sacrosanctum Concilium*⁶ apresenta a liturgia dentro de uma verdadeira Tradição, ou seja, transmissão do Mistério Salvífico, do Mistério Pascal de Cristo, através de um rito, de uma forma sempre adequada à sucessão dos tempos e à diversidade de lugares. A liturgia como um sinal eficaz da presença salvadora de Cristo na sua Igreja. Pela ação ritual participamos do Mistério Pascal que nos faz morrer e ressuscitar, dia a dia, em

¹ Mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico de Roma.

² FRANCISCO, Bula *Spes non Confundit*, Proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025: Normas sobre a concessão da indulgência durante o jubileu ordinário do ano 2025, Ed. CNBB, Brasília 2024, 6. Usaremos a partir de agora a sigla *SnC* para designar a Bula de proclamação do Jubileu.

³ Cf.: Introdução ao Canto de Ação de Graças no Rito de Encerramento do Ano Jubilar, *in*: DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO, Jubileu 2025: Textos litúrgicos, normas sobre a Concessão da Indulgência Jubilar, Ed. CNBB, Brasília 2024, 28-29.

⁴ *SnC* 25.

⁵ Cf.: DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO, *Jubileu 2025*: Textos litúrgicos, 34-36.

⁶ *SC* 5-6

Cristo. Portanto, o nosso “viver é Cristo” como afirma São Paulo⁷, nossa vida e história são vida e história de Cristo glorioso, nosso sofrer e vencer são participação da morte e ressurreição de Cristo, da sua Páscoa. E é justamente nesta participação no Corpo, que os fiéis, de todos os tempos e lugares, podem tomar parte do único e historicamente irrepetível, Mistério Pascal de Cristo, por meio dos “mistérios”, ou seja, dos ritos que celebram a sua Memória.

A liturgia não é apenas uma “instituição” que nos veio de Cristo, mas é a continuação ritual do mistério de Cristo. Em outras palavras: na Liturgia – isto é, na forma ritual (sinal-realidade) – o próprio evento da salvação torna-se presente e ativo para os homens de todos os tempos e lugares, e conseqüentemente, toda ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação⁸.

É a Liturgia nos garante a possibilidade desse encontro. O poder salvífico do sacrifício de Jesus, de cada palavra sua, casa gesto, olhar e sentimento, chega até nós na celebração dos sacramentos⁹, ou seja, “Sua oferta salvífica é eternamente ativa e presente diante do Trono do Pai”¹⁰.

Sendo assim, os ritos e as orações não são uma realidade externa (facultativa), mas são a mediação com o qual se ascende ao Mistério que se celebra, ou seja, se compreende o Mistério da fé através dos ritos e orações com o qual se celebra. O rito permite-nos ter um contato sacramental com tudo o que Cristo realizou, viveu e nos ofereceu. O véu do símbolo rasga-se para a fé, através da qual os cristãos, celebrando a ação litúrgica, são finalmente libertados de seus próprios vínculos temporais, até se encontrar sacramentalmente com o fato salvífico que se torna presente no símbolo cultural.

Portanto, respondendo a nossa pergunta inicial,

“o rito não é um código a ser executado com precisão, segundo o ordenamento canônico, mas é memória do evento Pascal de Cristo. [...] O grande desafio é passar de uma visão barroca do rito, como acessório suportável, para um olhar que o considera irrenunciável no caminho da fé”¹¹.

Lembremos do famoso axioma de Próspero de Aquitânia: *Lex orandi, lex credendi*¹². Na celebração, a forma se faz sempre mensagem, indica uma modalidade de comunicar algo, de professar a fé, ou seja, na liturgia, esta mensagem (códigos rituais), não está apenas na ordem do fazer, mas na ordem do crer. O rito determina nosso modo de crer, de pensar e de agir (*lex orandi, lex credendi e lex vivendi*). Sendo assim, o antiquíssimo axioma *Ut lex orandi legem statuat credendi* “exprime o fato que a liturgia oficial da Igreja exerce também uma autoridade magistral, refletindo, encarnando,

⁷ Cf.: Fl. 1,21.

⁸ S., MARSILI, *A liturgia, momento histórico da salvação*, in: B. Neunheuser; S. Marsili, M. Augé, R. Civil, *A liturgia momento histórico da Salvação*, Col. Anamnesis 1, Paulinas, São Paulo 1986, 94.

⁹ Cf.: FRANCISCUS, Carta apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do Povo de Deus, São Paulo, Paulus 2022, 11.

¹⁰ ROBERT, T., *A partire dalla liturgia, perché è la liturgia che fa la Chiesa*, Lipa, Roma 2004, 47.

¹¹ J. P., SILVA., *A liturgia, cume e fonte da vida da Igreja*, Col. Vida e Liturgia da Igreja, 8, Ed. CNBB, Brasília 2025, 35.

¹² Cf.: DENZINGER-HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Paulinas, Loyola, São Paulo 2013, 246.

proclamando e celebrando aquilo que a Igreja crer e deseja proclamar de si mesma hoje”¹³.

Por fim, se está claro que a liturgia não deve ser compreendida apenas como um culto, mas como expressão, manifestação e cumprimento daquilo que Igreja crer e espera, aquilo que constitui sua fé, da sua identidade, logo, a fé que faz nascer a Igreja e do qual ela vive não é puro e simples aceno a uma “doutrina”, mas, por meio do rito, é uma relação viva com estes eventos: a vida, a morte, a ressurreição e a glorificação de Jesus Cristo, sua ascensão ao céu, a descida do Espírito Santo; que a torna testemunha e participe destes mesmos eventos salvíficos, no qual a dão vida e a transfiguram¹⁴.

2. Orações da Missa B

O formulário é de nova composição, pensado justamente para as celebrações dentro desse Ano Jubilar de 2025. Vejamos como se apresenta, sua dinâmica ritual e características próprias para as celebrações deste Ano Santo.

ANTÍFONA DE ENTRADA – SI 89,1-2.

Senhor, vós vos tornastes um refúgio para nós
de geração em geração;
desde sempre e para sempre, vós sois Deus.
(T.P. Aleluia).

A antífona de entrada desta missa nos lembra a necessidade de fazermos memória dos acontecimentos de Salvação, de geração em geração, na nossa vida, na vida da Igreja e na vida da humanidade. Recorda-nos o Papa Francisco: “O crente é, fundamentalmente, uma pessoa que faz memória. A fé alimenta-se e nutre-se da memória. [...] A fé cresce recordando, relacionando as coisas com a história real vivida pelos nossos pais e por todo o povo de Deus, pela Igreja inteira”¹⁵. Estamos apenas iniciando a celebração do Memorial por excelência da Páscoa de Cristo, centro da vida cristã e identidade eclesial. Entretanto, é importante lembrar também que, um Jubileu está sempre inserido em um momento específico da história e deve sempre ser uma luz, grito de esperança na história de um determinado século. Pensemos este, como um “sinal de esperança que se traduz em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra”¹⁶.

COLETA

Senhor nosso Deus,
que na plenitude dos tempos
enviastes ao mundo o vosso Filho como Salvador,
concedei-nos, vos pedimos,
que, na nossa peregrinação terrena,
sejamos iluminados pelo seu mistério pascal.

¹³ R., TAFT, *A partire dalla liturgia*, 51.

¹⁴ Cf.: A. SHMEMANN, *Liturgia e tradizione, per una cultura della vita nuova*, Lipa, Roma 2013, 69.

¹⁵ *Discurso do papa Francisco no encontro com o clero da Diocese de Roma* na Basílica de São João de Latrão (2 de março de 2017), in:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170302_parroci-roma.html, acesso em 30/05/2025.

¹⁶ *SnC* 8.

Ele, que é Deus, e convosco vive e reina,
na unidade do Espírito Santo,
por todos os séculos dos séculos.

No seu início, a Oração Coleta nos mostra a quem é dirigida a súplica, a Deus, nosso Senhor.

Direta, nos encaminha logo para a parte anamnética da oração, recordando-nos a encarnação do Filho de Deus para a nossa Salvação. É justamente a ideia de que, o Memorial que estamos celebrando (Eucaristia) é aquele da “plenitude dos tempos”, ou seja, o tempo das promessas cessaram e agora estamos proclamando a Boa Notícia da Salvação “presentificada” no nosso tempo e espaço. Sendo assim, a Celebração que estamos iniciando “atualiza” o que recordamos, ou seja, é uma repetição sacramental de um acontecimento único e irrepetível. Para nós, os cristãos, o memorial da Morte de Cristo, agora Ressuscitado, atualiza e comunica, em cada celebração, a força salvadora do acontecimento da cruz¹⁷.

A fonte primária do texto é justamente a Carta de São Paulo aos Gálatas 4,4-5: “Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sujeito a lei, para resgatar os que estavam sujeitos a lei, e todos recebermos a dignidade de filhos”. Mas, podemos alargar recordando 2Tm 1,10 “Esta graça foi revelada por meio da manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade por meio do evangelho”, ou seja, a Salvação entra no tempo, para que, por meio do Mistério Pascal, sejamos todos salvos e cheguemos ao conhecimento da verdade¹⁸.

A parte epiclética da oração está marcada pelo verbo **concedei-nos** e reforçada pelo verbo **pedimos**, suplica a esse Deus, nosso Senhor, que sejamos iluminados por esse Mistério Pascal que estamos apenas iniciando e que celebramos durante toda a nossa peregrinação terrena. Destaco, para nossa reflexão, o verbo *illúmino* do latim¹⁹, iluminar, tornar claro, colocar na luz, tornar ilustre. Como peregrinos (contexto jubilar) suplicamos a Deus que, o Mistério da Páscoa do seu Filho, que por força do Batismo e da Eucaristia somos inseridos, seja sempre claro em nossas vidas, que o nosso constante peregrinar seja iluminado pelo Mistério da Páscoa de Jesus, Mistério que é nossa esperança, nossa identidade, nosso *passar adiante* nesta vida marcada por tantos desafios.

SOBRE AS OFERENDAS

Os dons que trazemos ao vosso altar, Senhor
na celebração festiva deste Ano Santo,
vos sejam agradáveis,
para podermos participar
na vida eterna do vosso Filho
que nos libertou da morte,
assumindo a nossa condição mortal.
Ele, que vive e reina pelos séculos dos séculos.

¹⁷ Cf.: SC, 47.

¹⁸ Cf.: 1Tm 2,4.

¹⁹ L. CASTIGLIONI, S. MARIOTTI, *IL: Vocabulario della Lingua Latina*, Loescher, Torino 2011.

A Oração sobre as Oferendas contextualiza novamente a Eucaristia como uma celebração festiva dentro do Ano Santo e o momento ritual²⁰ que encontra sua finalidade na comunhão dos presentes. Estes dons, que trazemos ao altar, são a nossa oferta a Deus, como homens e mulheres peregrinos, sempre em caminho.

Esta apresentação tem um objetivo claro na oração: fazer-nos participar da vida eterna do Filho. O verbo *participatio* é claro quando o entendemos no seu sentido mais amplo, isto é, uma participação operosa, apaixonada, plena de vida, que exige o envolvimento e a implicação integral da pessoa. Participar é tomar parte do Mistério que estamos celebrando. A própria SC nos explica o que é uma participação ativa, plena e consciente quando diz que os fiéis “aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e assim diariamente sejam consumados, tendo Cristo como mediador, unidos com Deus e entre si, para que Deus seja tudo em todos”²¹. Portanto, participar da vida eterna do Filho é já, e ainda não, se deixar consumir pelos Mistérios celebrados durante todo o Ano Litúrgico.

Por fim, novamente a oração faz referência ao Mistério da Encarnação, motivo da celebração deste Ano Jubilar justamente porque Ele “por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem²², assumindo assim a nossa condição mortal e nos libertando da lei do pecado e da morte²³”.

PREFÁCIO

Ele é vosso Filho, que, gerado antes de todos os séculos,
entrou no tempo, nascendo da Virgem Maria.
Ungido pelo Espírito Santo,
anunciou, em vosso nome, um ano de graça:
a consolação aos aflitos,
a liberdade aos oprimidos,
a salvação e a paz a toda humanidade.
Ele é, de fato, a única e verdadeira esperança,
que, excedendo toda expectativa,
ilumina todos os séculos.

A ação de graças, expressa no prefácio, inicia, novamente, fazendo referência ao Mistério da Encarnação. Ele, gerando antes de todos os séculos²⁴, entra no tempo, por meio de Maria Virgem. Logo em seguida, retoma o texto de Lucas 4,18-19 quando Jesus no Templo de Jerusalém proclama “o ano da graça do Senhor”, um ano Santo, onde testemunhará para todo o povo o Messias esperado e cumprirá as profecias antigas²⁵ trazendo a justa paz e salvação para toda humanidade. O Messias anunciado pelos

²⁰ *Praeparatione Donorum*: preparação da procissão com o pão, vinho e água, canto, colocar as ofertas sobre o altar, apresentá-las, incensação, purificação das mãos e a oração conclusiva.

²¹ SC, 48.

²² Credo Niceno Constantinopolitano, in DH 150: “*Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de caelis et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine, et homo factus est*”

²³ Cf.: Rm. 8,2.

²⁴ Credo Niceno Constantinopolitano, in DH 150: “*Et ex Patre natum ante omnia saecula... Genitum, non factum...*”.

²⁵ Cf.: Mt. 5,17.

profetas é Jesus, e com Ele começa o tempo tão esperado, o dia da salvação, da plenitude do tempo. Todo Jubileu refere-se, justamente a esse tempo e diz respeito à missão salvífica de Jesus.

Conclui-se o prefácio afirmando que esse Cristo (Messias) é nossa única esperança²⁶ que extrapola todas as expectativas humanas e ilumina (*illumino*) os séculos infinitos. Além de retomar a mensagem central do jubileu: a Esperança, a conclusão do prefácio nos lembra que todo jubileu, não importa o século, o ano, será sempre um tempo de graça, um *kairós*²⁷, ou seja, mesmo estando dentro de um tempo cronológico ele jamais é *chonos*²⁸ mas sempre, tempo da Graça, tempo de Deus, *kairós*. Como também, nos ajuda a compreender que Jesus, o Cristo é a esperança do nosso tempo, de um tempo bem concreto²⁹, específico, marcado por guerras, conflitos entre os povos, por populações inteiras oprimidas pela brutalidade da violência.

ANTÍFONA DE COMUNHÃO – Tt 2,12-13.

Vivamos neste mundo com justiça e piedade,
aguardando a feliz esperança
e a manifestação da glória do grande Deus. (T.P. Aleluia).

“Enquanto o sacerdote recebe o Sacramento, entoa-se o canto de comunhão que exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e realça mais a índole ‘comunitária’ da procissão para receber a Eucaristia”³⁰. O canto de comunhão deve expressar a eclesialidade da assembleia celebrante e cantar o Memorial da Páscoa do Senhor.

A antífona de comunhão proposta no nosso formulário, retirada da Carta de São Paulo a Tito, cantará a beleza realizada pela graça de Deus ao manifestar a Salvação a todos os homens chamando-os a viver uma vida reta em conformidade a vida nova que receberam do “grande Deus e Salvador Jesus Cristo”³¹. Ao mesmo tempo, é carregada de um caráter escatológico (próprio do momento ritual: procissão de comunhão), ou seja, ir ao encontro do Vivente para sempre. Nós vamos ao encontro do Senhor, “enquanto o Senhor ressuscitado vem ao nosso encontro no sacramento, na história, no tempo, no espaço, prenunciando e antecipando sua vinda gloriosa”³². Caminhamos ao encontro do *Kyrie*, cantando nossa Esperança de novos céus e nova terra, prefigurando aquilo que já possuímos sem ter.

É importante afirmar que, quando falamos de Eucaristia como imagem de uma esperança escatológica não é uma espécie de analgésico fazendo-nos esquecer do mal e do pecado,

²⁶ Cf.: 1Tm. 1,1.

²⁷ Tempo como graça, tempo de Deus, tempo de gratuidade, de celebração, está na esfera que transcende a nossa transitoriedade.

²⁸ Tempo marcado pelo relógio, está condicionado aos astros, ao universo. Emerge a consciência de finitude do ser humano e do universo. Deixa suas marcas.

²⁹ Jubileu que está marcado por um tempo bem específico, ou seja, abertura no dia 24 de dezembro de 2024 e encerramento em 06 de janeiro de 2026.

³⁰ IGMR 86.

³¹ Tt. 2,13b.

³² F., TABORDA, *Memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*, Loyola, São Paulo 2009, 124.

“das impiedades e das paixões mundanas”, ao contrário, “intensifica a luta contra o mal que nos cerca e nos convida a acreditar que o espaço, o tempo e toda a criação serão transfigurados e purificados daquilo que traz corrupção e morte”³³. Podemos afirmar que “a Eucaristia não pode existir sem a memória do reino vindouro, e a Igreja, precisamente porque extrai sua identidade da Eucaristia, é uma comunidade escatológica, a experiência do mundo e da vida à luz do reino, a experiência, no mundo, de um mundo salvo”³⁴.

Sendo assim, somente por meio da cruz nossa de cada dia, do esforço contínuo de viver na justiça e piedade, é que nós, como Jesus, poderemos alcançar a glória de Deus, ou seja, a cruz de Jesus (participação no seu sacrifício) se torna para nós, passagem para sua ressurreição gloriosa, porque, quem come deste pão viverá para sempre³⁵. A vida nova de Deus nós já a possuímos porque dela comungamos e, se torna visível no hoje na nossa vida, na vida gasta pelos irmãos e irmãs. Dito de outra forma, “o sacrifício de Cristo se realiza em nós, no sentido de que o Espírito suscita em nós a mesma caridade de Cristo, a mesma decisão de nos entregarmos ao Pai para dar vida aos nossos irmãos”³⁶.

DEPOIS DA COMUNHÃO

Santificai-nos, Senhor,
por esta participação na vossa Mesa
e estendei a todos os povos, pelo ministério da Igreja,
a salvação realizada por Cristo na cruz.
Ele, que vive e reina pelos séculos dos séculos.

Após a comunhão a Igreja nos recorda da participação santificadora que a comunhão no corpo e sangue do Senhor realiza em nós. Realmente, a participação nos sagrados mistérios, realiza em nós, em grau elevado, a vida divina. Nutrir-se da Eucaristia é o momento culminante da celebração, elemento claro da unidade com a Prece Eucarística, tendo em vista que, todo o nosso pedido anterior, que o Espírito santifique os dons e edifique o corpo eclesial, chega ao seu termo na comunhão.

A segunda súplica da oração pede que a salvação, realizada no Mistério da Cruz, seja estendida a todos os povos do mundo pelo ministério da Igreja. Quando falamos em Ministério da Igreja lembramos logo da ideia de *Ecclesiae Sacramentum*, ou seja, Cristo é o sacramento primordial de que deriva o sacramento geral que é a Igreja na sua totalidade. Portanto, é preciso ter em mente a íntima e indissolúvel conexão, na ordem da salvação, entre Cristo, a Igreja e os Sacramentos. A celebração não teve outro objetivo, outro sentido senão aquele de nos preparar e dispor, mediante a eficácia do *opus operantis Ecclesiae*, à participação à vida divina.

No contexto jubilar, a Igreja, dispensadora dos Mistérios, oferece aos peregrinos de esperança, a graça do Sacramento da Penitência e as indulgências³⁷. Todos os povos

³³ P., CASPANI, *Pane e vino spezzato per il mondo: linee di teologia eucaristica*, Cittadella Editrice, Assisi 2019, 397.

³⁴ A., SCHMEMANN, *Liturgia e tradizione*, 16.

³⁵ Cf.: Jo. 6,51.

³⁶ P., CASPANI, *Pane e vino spezzato per il mondo*, 436.

³⁷ “A **Indulgência** é a remissão, perante Deus, da pena temporal pelos pecados já perdoados quanto a culpa; remissão que o fiel, com disposições devidas e determinadas condições, alcança por intermédio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica com autoridade o tesouro das satisfações de Cristo

devem, no ano jubilar, compreender que “o Senhor é compassivo e clemente, lento para a ira e rico em misericórdia”³⁸, de fato, a misericórdia divina “será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa”³⁹. O Sacramento da Penitência é esse passo decisivo, essencial e indispensável no caminho de fé de cada peregrino, é retomar a via de Deus e acolher a conseqüente reconciliação com Ele e com os irmãos. As indulgências, por sua vez, são uma graça jubilar e devem suscitar em nós o desejo dessa mesma experiência constante da misericórdia e, acima de tudo, a graça cotidiana de dar e receber perdão, ou seja, “a indulgência permite-nos descobrir como é ilimitada a misericórdia de Deus”⁴⁰.

ORAÇÃO SOBRE O POVO

Atendei, Senhor, os que vos suplicam
e acompanhai os que colocam
sua esperança em vossa misericórdia
para que sigam firmes no caminho da santidade
e, conseguindo o necessário para a vida,
possam tornar-se herdeiros das vossas promessas eternas.
Por Cristo, Nosso Senhor.

A oração sobre o povo pertence aos Ritos Finais da Missa⁴¹. Essas orações evocam um compromisso vital daqueles e daquelas que acabaram de serem transformados no corpo eclesial pela participação no corpo e sangue de Cristo. O Povo de Deus, transformado n’Ele, é chamado a instaurar o Reino já testemunhado e realizado na celebração da Eucaristia.

Podemos observar que, aquele que preside, não se inclui na oração, mas, como mediador entre Deus e seu povo, suplica a Deus em favor de sua comunidade. O objetivo da oração sobre o povo do nosso formulário é implorar a bênção sobre a comunidade com o escopo de pedir proteção àqueles peregrinos de esperança que se colocam no caminho da santidade e, como conseqüência, depois de uma vida realmente cristã, alcançarem o reino eterno do qual todo o povo batizado é herdeiro⁴².

3. Considerações finais

Um Ano Santo sempre será pontilhado e delimitado pelas celebrações litúrgicas, nestas, a Igreja ora e vive intensamente o mistério de sua própria existência: proclamar em todos os tempos e lugares a Salvação realizada por Jesus Cristo. Ao longo da história, desde 1300, ela não se cansa de proclamar a Misericórdia de Deus na vida da humanidade⁴³.

e dos Santos”, in: CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Manual das Indulgências: normas e concessões*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2013, 1.

³⁸ Sl. 103, 8.

³⁹ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, Ed. CNBB, Brasília 2007, 3.

⁴⁰ *SnC*, 23.

⁴¹ IGMR, 90.

⁴² Cf.: Rm. 8,17-18.

⁴³ Sobre a história dos jubileus conferir em C. SANTINI, *O primeiro jubileu da era temática: história do evento desde Bonifácio VIII até Joao Paulo II*, Paulinas, São Paulo 1999.

Em uma “modalidade generalizada”⁴⁴ de celebrações litúrgicas, a Igreja sempre se colocou como peregrina de esperança, redescobrimdo valores como a busca do essencial, o silêncio, o esforço, o Reino prometido. A verdadeira participação nos Ritos Litúrgicos do Ano Santo não deve se acomodar a um conhecimento teórico ou interior, mas, passar pela Porta Santa, peregrinar, confessar-se, celebrar a Eucaristia, tudo isso deve acontecer também passando pelos olhos e pelo coração, ou seja, a forma ritual desses momentos celebrativos é uma ação viva, exterior, verbal, gestual que nos permitirá alcançar o significado mais profundo e essencial do Jubileu dos 2025 anos da Encarnação de Nosso Senhor.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA, Tradução oficial da CNBB, Ed. CNBB, Brasília 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Instrução Geral do Missal Romano e do Lecionário*, Ed. CNBB, Brasília, 2023.

DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO, *Jubileu 2025: Textos litúrgicos, normas sobre a Concessão da Indulgência Jubilar*, Ed. CNBB, Brasília 2024.

FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, Ed. CNBB, Brasília 2007.

_____, Carta apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do Povo de Deus, São Paulo, Paulus 2022.

_____, Bula *Spes non Confundit*, Proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025: Normas sobre a concessão da indulgência durante o jubileu ordinário do ano 2025, Col. Documentos Pontifícios 63, Ed. CNBB, Brasília 2024.

T., ROBERT, *A partire dalla liturgia, perché è la liturgia che fa la Chiesa*, Lipa, Roma 2004.

⁴⁴ Cf.: *SnC*, 5.